

nização dos dados. Tais definições incluirão *definições formais*, destinadas a apresentar a natureza geral do processo ou fenômeno pelo qual o pesquisador se interessa, bem como sua relação com outros estudos e com a teoria existente de ciência social. Incluirão também *definições de trabalho*, que permitem a coleta de dados que o pesquisador aceita como indicadores de seus conceitos.

Em todos esses processos, haverá interesse pela possibilidade de *generalização* dos resultados e sua relação com outros conhecimentos. Isso exige estudo cuidadoso de trabalhos já realizados no campo, bem como a formulação do problema de pesquisa em termos suficientemente gerais para que esteja clara sua relação com outros conhecimentos e permita a reprodução da pesquisa.

Ao formular o problema de pesquisa, as *etapas subsequentes no processo de pesquisa precisam ser previstas*, a fim de haver certeza de que o problema pode ser estudado através das técnicas existentes. Tal previsão deve incluir as etapas científicas e práticas.

# 3

## PLANEJAMENTO DE PESQUISA

### I. Estudos Exploratórios e Descritivos

---

*Estudos Formuladores ou Exploratórios*

*Estudos Descritivos*

*Resumo*

**U**MA VEZ QUE O PROBLEMA DE PESQUISA tenha sido formulado de maneira suficientemente clara para que possa especificar os tipos de informação necessárias, o pesquisador precisa criar o seu *planejamento de pesquisa*. Um planejamento de pesquisa é a organização das condições para a coleta e análise de dados, de maneira que procure combinar a significação para o objeto da pesquisa com a economia de processo. Disso decorre que os planejamentos de pesquisa variam de acordo com o objetivo da pesquisa.

Naturalmente, cada estudo tem seu objetivo específico. No entanto, podemos pensar que os objetivos de pesquisa se incluem em certo número de amplos agrupamentos: (1) familiarizar-se com o fenômeno ou conseguir nova compreensão deste, freqüentemente para poder formular um problema mais preciso de pesquisa ou criar novas hipóteses; (2) apresentar precisamente as características de uma situação, um grupo ou um indivíduo específico (com ou sem hipóteses específicas iniciais a respeito da natureza de tais características); (3) verificar a freqüência com que algo ocorre ou com que está ligado a alguma outra coisa (geralmente, mas não sempre, com uma hipótese inicial específica); (4) verificar uma hipótese de relação causal entre variáveis.

Nos estudos que têm o primeiro objetivo acima indicado — geralmente denominados *estudos formuladores ou exploratórios* — a principal acentuação refere-se à descoberta de idéias e intuições. Por isso, o planejamento de pesquisa precisa ser suficientemente flexível, de modo a permitir a consideração de muitos aspectos diferentes de um fenômeno.

Nos estudos que têm o segundo e o terceiro objetivos acima enumerados, uma consideração fundamental é a *exatidão*. Por isso, é necessário um planejamento que *reduza o viés e amplie a precisão* da prova obtida. (O *viés* resulta da coleta de provas de uma forma que favorece uma resposta alternativa a uma questão de pesquisa. A prova é *precisa* na medida em que podemos afirmar, com confiança, que se obteriam resultados semelhantes se se repetisse a coleta de provas. Para uma discussão minuciosa de viés e precisão, no caso de

processos de mensuração, ver o Capítulo 5). Como os estudos com o segundo e o terceiro objetivos apresentam exigências semelhantes para o planejamento de pesquisa, podemos tratá-los em conjunto; serão denominados *estudos descritivos*.

Os estudos que verificam hipóteses *causais* exigem processos que não apenas reduzam o viés e aumentem a precisão, mas que também permitam inferências a respeito da causalidade. Os experimentos são especialmente adequados para satisfazer a essa última exigência. No entanto, muitos estudos interessados pela verificação de hipóteses causais não se apresentam sob a forma de experimentos.

Na prática, esses diferentes tipos de estudo nem sempre são nitidamente separáveis. Qualquer pesquisa considerada pode conter elementos de duas ou mais funções descritas como características de diferentes tipos de estudo. Em qualquer estudo isolado, no entanto, geralmente existe a acentuação de apenas uma dessas funções, podendo-se pensar que o estudo se classifica na categoria correspondente à sua principal função. Em resumo, embora não sejam bem definidas as distinções entre diferentes tipos de estudo, de modo geral é possível fazer tais distinções; é útil fazê-las, para discutir os planejamentos adequados de pesquisa.

### *Estudos Formuladores ou Exploratórios*

Muitos estudos exploratórios têm como objetivo a formulação de um problema para investigação mais exata ou para a criação de hipóteses. No entanto, um estudo exploratório pode ter outras funções: aumentar o conhecimento do pesquisador acerca do fenômeno que deseja investigar em estudo posterior, mais estruturado, ou da situação em que pretende realizar tal estudo; o esclarecimento de conceitos; o estabelecimento de prioridades para futuras pesquisas; a obtenção de informação sobre possibilidades práticas de realização de pesquisas em situações de vida real; apresentação de um recenseamento de problemas considerados urgentes por pessoas que trabalham em determinado campo de relações sociais.

Nossa discussão focalizará estudos que se dirigem, fundamentalmente, para a formulação de problemas para pesquisa mais exata ou para a criação de hipóteses. No entanto, os

aspectos indicados e os processos descritos são aplicáveis a estudos exploratórios que têm outros objetivos.

A relativa juventude da ciência social e a pequena quantidade de pesquisas de ciência social tornam inevitável, ainda durante algum tempo, o caráter de pioneirismo dessa pesquisa. Existem poucos caminhos bem experimentados que o pesquisador de relações sociais possa seguir; frequentemente, a teoria é excessivamente geral ou excessivamente específica para que possa dar clara orientação para a pesquisa empírica. Em tais condições, a pesquisa exploratória é necessária para a obtenção da experiência que auxilie a formulação de hipóteses significativas para pesquisa mais definitiva.

Suponha-se, por exemplo, que uma pessoa deseje compreender os processos pelos quais o ambiente social influi na saúde mental. Embora existam muitos estudos especulativos a respeito, e algumas pesquisas que, incidentalmente, se relacionem com o assunto, o pesquisador que se inicia nesse campo não tem possibilidade de apresentar hipóteses precisas para investigação. Na realidade, seria tolice tentar fazer isso. Sem certo conhecimento da amplitude dessa área, das principais variáveis sociais que influem na saúde mental, das situações em que tais variáveis ocorrem, qualquer hipótese apresentada tende a ser superficial. No caso de problemas em que o conhecimento é muito reduzido, geralmente o estudo exploratório é o mais recomendado.

As vezes, existe uma tendência para subestimar a importância de pesquisa exploratória e considerar como "científico" apenas o trabalho experimental. No entanto, para que o trabalho experimental tenha valor teórico ou social, precisa ser significativo para questões mais amplas que as propostas no experimento. Essa significação só pode resultar de exploração adequada das dimensões do problema que a pesquisa tenta estudar.

Embora estejamos considerando aqui o estudo exploratório quase que exclusivamente como uma entidade, é também adequado considerá-lo como um passo inicial em um processo contínuo de pesquisa. Na prática, a parte mais difícil de uma pesquisa é o seu início. Os métodos mais cuidadosos durante os passos posteriores de uma pesquisa têm pouco valor, se se fez um início incorreto ou pouco significativo. Segundo Northrop (1947):

Repetidamente os pesquisadores mergulham num assunto, enviam questionários, obtêm uma quantidade extraordinária de dados, chegam a realizar experimentos e, finalmente, começam a pensar o que é que tudo isso prova. (...) Outros, ao notar o êxito de determinado método científico em um grupo de estudo, sem crítica e apressadamente transferiram esse método para o seu campo de estudos, apenas para ter, finalmente, a mesma desilusão. Todas essas experiências indicam que o início da pesquisa foi realizado muito apressadamente, sem qualquer avaliação de sua importância ou sua dificuldade.

Qualquer que seja a razão para a realização de um estudo, a capacidade criadora e a "sorte" desempenharão, inevitavelmente, um papel em sua produtividade. Apesar disso, é possível sugerir alguns métodos que tendem a ser muito úteis na pesquisa de variáveis importantes e hipóteses significativas. Tais métodos incluem: (1) uma resenha da ciência social afim e de outras partes pertinentes de literatura; (2) um levantamento de pessoas que tiverem experiência prática com o problema a ser estudado; (3) uma análise de exemplos que "estimulem a compreensão." Quase todos os estudos exploratórios utilizam uma ou várias dessas abordagens.

Qualquer que seja o método escolhido, deve ser usado de maneira flexível. À medida que o problema inicialmente definido de maneira vaga se transforma em problema com sentido mais precisamente definido, são necessárias freqüentes mudanças no processo de pesquisa, a fim de permitir a obtenção de dados significativos para as hipóteses emergentes.

#### O EXAME DA LITERATURA

Uma das maneiras mais simples de economizar esforço numa pesquisa é resenhar o trabalho já feito por outros e basear-se nele. Num estudo do tipo aqui discutido, o foco da resenha se volta para hipóteses que podem servir para orientar futuras pesquisas. As hipóteses podem ter sido explicitamente apresentadas por pesquisadores anteriores;

nesse caso, a tarefa consiste em reunir as várias hipóteses apresentadas, avaliar sua utilidade como base para pesquisa mais ampla e verificar se sugerem novas hipóteses. Mais freqüentemente, no entanto, um estudo exploratório se volta para uma área em que ainda não foram formuladas hipóteses; nesse caso, a tarefa é resenhar o material disponível, procurando perceber as hipóteses que dele podem ser derivadas.

Em muitas áreas, um estudo bibliográfico será certamente mais demorado que compensador; freqüentemente se verifica que nenhuma pesquisa significativa foi realizada nessa área. No entanto, isso é talvez menos verdade do que o supõem os que não conseguem basear-se no trabalho de pesquisadores anteriores. De qualquer modo, a conclusão quanto à inexistência de material significativo será injustificada sem um estudo completo de revistas que provavelmente têm artigos sobre esse assunto, e de algumas publicações, — como *Psychological Abstracts*, *Child Development and Bibliography*, *Sociological Abstracts*, o boletim de *Current Sociological Research*, publicado pela American Sociological Society, a enumeração de *Doctoral Dissertations Accepted by American Universities*, compilada pela Association of Research Libraries, bem como as *Dissertation Abstracts*, fornecidas em microfilme pela University Microfilms, de Ann Arbor, Michigan, U.S.A. Além dessas fontes gerais, alguns departamentos governamentais e algumas organizações voluntárias publicam relações ou sumários de pesquisa em seus campos específicos de interesse. Por exemplo, o Children's Bureau of the U.S. Department of Health, Education and Welfare publica um boletim de *Research relating to Children*; a Anti-Defamation League of B'nai B'rith publica *Research Reports*, sumários de pesquisas significativas para relações intergrupais. As organizações de especialistas, os grupos de pesquisa e as organizações voluntárias são fontes de informação a respeito de pesquisas inéditas em seus campos específicos.

Seria um erro do pesquisador limitar o estudo bibliográfico aos trabalhos que são imediatamente significativos para a sua área de interesse. Talvez o meio mais produtivo para criar hipóteses seja a tentativa de aplicar, à área em que se trabalha, teorias e conceitos criados em contextos inteira-

mente diferentes de pesquisa. Assim, a teoria de nível de adaptação, criada em trabalho sobre problemas psico-físicos, pode apresentar analogias estimulantes para trabalho sobre fatores que influem, por exemplo, na percepção de características de membros de um outro grupo étnico; a teoria de nível de aspiração pode apresentar um paralelo para o estudo de mudança de objetivos da comunidade; a teoria da aprendizagem pode apresentar intuições quanto ao processo de mudança de atitude; os conceitos de *papel*, *norma social*, *necessidade psicológica*, *frustração*, *estrutura do grupo*, etc., podem dirigir a atenção para variáveis importantes em qualquer nova situação a ser estudada.

As sutis descrições encontradas nas obras literárias constituem também um campo fértil para hipóteses de estudo. Embora o cientista social não procure captar a riqueza das descrições do romancista, pode encontrar na literatura muitas sugestões estimulantes a respeito de importantes variáveis nas situações que deseja estudar. Por exemplo, *Cry the Beloved Country* e *Too Late the Phalarope*, de Paton, *Reflexão sobre o Racismo*, de Sartre, *Filho Nativo*, de Wright, *A Passage to India*, de E. M. Forster, contém análises muito penetrantes das causas e conseqüências do preconceito.

#### O ESTUDO DA EXPERIÊNCIA<sup>1</sup>

Provavelmente apenas pequena proporção da experiência e do conhecimento é colocada em forma escrita. Muitas pessoas, em suas experiências cotidianas, estão em situação que lhes permite observar os efeitos de ações e decisões alternativas referentes a problemas de relações humanas. O diretor de uma instituição educacional e os seus auxiliares tendem a compreender as características de jovens delinquentes e a eficiência provável de várias formas de seu estudo. O assistente social de psiquiatria pode ter sensibilidade para as condições ambientais que impedem o ajustamento de pacientes saídos de um hospital para doentes mentais e, de outro lado, para os fatores que facilitam o ajustamento. Tais es-

<sup>1</sup> Grande parte do que se segue está baseada num artigo inédito de C. Seltiz, S. W. Cook e R. Hogrefe, intitulado "The Experience Survey: A Step in Program Design for Field Research on Unexplored Problems".

pecialistas adquirirem, na rotina de seu trabalho, um extraordinário conjunto de experiências que pode ter muito valor para auxiliar o cientista social a tornar-se consciente de importantes influências que atuam em qualquer situação que o cientista deve estudar. O objetivo do estudo da experiência é obter e sintetizar essa experiência.

**SELEÇÃO DAS PESSOAS ESTUDADAS.** A economia da pesquisa exige que as pessoas de um estudo de experiência sejam cuidadosamente selecionadas. O objetivo do estudo da experiência é conseguir compreender as relações entre variáveis, e não conhecer, exatamente, as práticas atuais ou um simples acordo quanto às melhores práticas. O pesquisador procura idéias provocantes e intuições úteis, não a estatística da profissão. Por isso, as pessoas precisam ser escolhidas por causa da probabilidade de que ofereçam as contribuições procuradas. Em outras palavras, há necessidade de uma *amostra selecionada* das pessoas que trabalham nesse campo.<sup>2</sup>

No estudo da experiência, é perda de tempo e esforço entrevistar pessoas pouco competentes, ou com pouca experiência significativa, ou que não têm capacidade para comunicar sua experiência. Um indivíduo pode ter trabalhado em determinado campo, sem que por isso se tenha tornado um bom informante. Talvez o método mais direto para escolher informantes seja solicitar, a administradores estrategicamente colocados, que trabalham na área que se deseja estudar, uma indicação das pessoas com mais informação, mais experiência e mais capacidade de análise. Embora isso não garanta informantes com intuições estimulantes, esse método permite chegar a pessoas com reputação de boa experiência e boas idéias. A probabilidade de que sejam bons informantes aumenta, naturalmente, se são indicadas por mais de uma fonte, sobretudo se sabemos que as diferentes fontes têm pontos de vista diferentes.

Embora uma amostra selecionada de pessoas com experiência prática possa não ter valor no estudo de experiência, é importante selecionar informantes, de forma a assegurar uma representação de diferentes tipos de experiência.

<sup>2</sup> Nos termos de diferentes tipos de amostra, discutidos no Apêndice B, esta é uma amostra *intencional*.

Sempre que haja qualquer razão para acreditar que diferentes pontos de vista possam influir no conteúdo da observação, deve-se fazer um esforço para incluir variação de pontos de vista e tipos de experiência. Por exemplo, num estudo de experiência de fatores que influem no moral de empregados da indústria, é bom entrevistar pessoas de diferentes níveis de cada grupo — operários, mestres, chefes de seção de pessoal, administradores, diretores educacionais de sindicatos, etc., a fim de conseguir uma perspectiva variada.

Além de entrevistar um número suficiente de pessoas, a fim de assegurar a representação de diferentes tipos de experiência, não existe regra simples para determinar o número de informantes que devem ser entrevistados em um estudo de experiência. Em certo ponto, o pesquisador verificará que outras entrevistas não apresentarão novas intuições, que as respostas caem em um padrão que já conhece. Nesse ponto, outras entrevistas se tornam cada vez menos compensadoras.

**AS PERGUNTAS AOS INFORMANTES.** Antes de qualquer tentativa sistemática para obter as intuições das pessoas com prática, é evidentemente necessário ter algumas idéias preliminares das questões importantes na área. Uma fonte de tais idéias, como já foi observado, é o estudo bibliográfico. Antes de criar um roteiro de entrevista para as perguntas sistemáticas aos informantes, a informação do estudo bibliográfico deve ser complementada por certo número de entrevistas não-estruturadas<sup>3</sup> com pessoas que tenham tido grande experiência no campo a ser estudado.

Mesmo na entrevista mais sistemática dos informantes posteriores é essencial manter um certo grau de flexibilidade. O objetivo da estrutura da entrevista é garantir que todas as pessoas entrevistadas respondam às perguntas que o pesquisador deseja fazer; no entanto, as funções de descoberta e formulação do estudo da experiência exigem que o informante sempre possa apresentar novas questões e perguntas que o pesquisador ainda não tinha considerado.

Ao formular questões para um roteiro de entrevista com profissionais, é geralmente útil orientar as perguntas para

<sup>3</sup> Para uma discussão de entrevistas "estruturadas" e "não-estruturadas", ver o Capítulo 7, págs. 286-300.

aquilo que "dá certo." Vale dizer, usualmente as perguntas devem ter a forma seguinte: "Se se deseja (determinado efeito), que influências ou métodos terão, segundo sua experiência, maior probabilidade de obtê-lo?" Existem várias razões para focalizar, fundamentalmente, as influências que provocam mudanças. Em primeiro lugar, o profissional, necessariamente atento aos imperativos de seu trabalho, orienta-se para o que provoca mudança, o que "dá certo." Tende a compreender melhor e a ser mais capaz de responder a perguntas de conteúdo prático do que ao que é apresentado abstratamente. Em segundo lugar, a acentuação da mudança permite que o pesquisador obtenha indicações de processos que atuam em certo período de tempo, o que o profissional pode observar de uma posição extraordinariamente favorável. Em terceiro lugar, se o interesse do pesquisador não se volta apenas para as relações teóricas entre variáveis, mas também para as suas conseqüências na ação social, precisa saber como tais variáveis tendem a reunir-se na vida diária e como tais conjuntos de variáveis, geralmente encontrados, facilitam ou dificultam os objetivos socialmente desejáveis.

Sempre que possível, a fim de estimular o informante a comparar os principais métodos alternativos para atingir um objetivo específico, é desejável sondar além de uma simples apresentação de princípios gerais que provocam determinada mudança. Têm muito valor os exemplos concretos, tirados da experiência do informante, de tentativas vitoriosas ou fracassadas para obter um efeito específico. Permitem que o pesquisador compare experiências de diferentes pessoas, em diferentes situações, e assim chegue a generalizações e conclusões provisórias, que ultrapassam as informações de qualquer informante isolado.

Para exemplificar um tipo de pergunta que, segundo se verificou, é muito útil em estudos de experiência, apresentamos as seguintes perguntas, retiradas de um estudo de experiência de relações intergrupais na indústria.<sup>4</sup>

Algumas pessoas acreditam que um programa de não-discriminação no emprego exige que os membros

<sup>4</sup> Este estudo foi realizado por J. Harding e R. Hogrefe, da Commission on Community Interrelations do American Jewish Congress.

do grupo minoritário, com qualidades médias para um emprego, sejam aceitos neste a partir do princípio de que "quem chegou primeiro, fica com o lugar." Outras pessoas acreditam que, para a introdução de membros do grupo minoritário, é importante que o primeiro membro desse grupo tenha algumas qualificações especiais. A suposição é que isso tornará mais fácil, depois, a aceitação de outros membros desse grupo minoritário.

*Pergunta:* Será necessário estabelecer qualificações especiais para os primeiros membros do grupo minoritário que são introduzidos em uma nova situação?

Se os primeiros membros de um grupo minoritário introduzidos numa situação são especialmente selecionados, existem várias bases para fazer a seleção.

*Alternativa A:* Algumas pessoas acreditam que os primeiros membros de um grupo minoritário introduzidos devem ter muita capacidade para o trabalho específico que devem fazer.

*Alternativa B:* Outras pessoas acreditam que é mais importante que os membros do grupo minoritário sejam muito agradáveis, do ponto de vista pessoal.

*Alternativa C:* Outras pessoas acreditam que a principal consideração é que os primeiros membros do grupo minoritário sejam tão semelhantes quanto possível às pessoas com que devem trabalhar, tanto em aparência física, maneira, linguagem, educação, interesses, quanto em experiência anterior.

*Pergunta:* Quais as principais vantagens e desvantagens desses três princípios para a seleção dos primeiros membros de um grupo minoritário que são introduzidos em uma nova situação?

De modo geral, a entrevista para conseguir experiência tende a ser muito longa, e frequentemente dura várias horas. Considerando-se a natureza da informação desejada, é conveniente preparar o informante com uma semana de antecedência, enviando-lhe uma cópia das questões a serem discuti-

das. Isso lhe dá oportunidade não só para pensar antes, mas também para consultar seus colegas e acrescentar o conhecimento que pode ser obtido com a experiência destes últimos.

**ALGUNS SUBPRODUTOS DOS ESTUDOS DE EXPERIÊNCIA.** Um estudo da experiência, além de ser uma boa fonte de hipóteses, pode dar informação a respeito das possibilidades práticas de diferentes tipos de pesquisa. Onde obter os recursos para a pesquisa? Que fatores podem ser ou não controlados na situação que se deseja estudar? Quais as variáveis que tendem a estar reunidas em situações de comunidade? Qual a disposição de instituições, profissionais e cidadãos para cooperar em estudos controlados de pesquisa a respeito do problema? As respostas a essas e outras questões práticas semelhantes podem ser um dos subprodutos de um estudo de experiência cuidadosamente planejado. Além disso, um estudo desse tipo pode dar um levantamento dos problemas considerados urgentes pelas pessoas que trabalham em determinada área. Esse levantamento pode ser extremamente útil no estabelecimento de prioridades num programa de pesquisas.

O relatório de um estudo de experiência também dá um resumo do conhecimento de profissionais capazes a respeito da eficiência de vários métodos e processos para atingir objetivos específicos. Em lugar de conhecimento mais formalizado, essa informação pode ter extraordinário valor como um guia para as "melhores" práticas em determinado campo. Evidentemente, ao apresentar esse resumo, deve-se deixar claro que o estudo não se baseou numa amostra casual de pessoas que trabalham nesse campo. Sua utilidade decorre da apresentação de intuições e de práticas eficientes, e não da apresentação do "típico."

#### ANÁLISE DE EXEMPLOS QUE ESTIMULAM A COMPREENSÃO <sup>5</sup>

Os cientistas que trabalham em áreas relativamente não-formuladas, onde existe pouca experiência que sirva de

<sup>5</sup> Grande parte da discussão seguinte baseia-se em artigo inédito de J. P. Dean, "The Method of Unstructured Pilot Inquiry". Um resumo desse artigo foi publicado in Dean (1954).

guia, acham que o estudo de exemplos selecionados é um método muito produtivo para estimular a compreensão e sugerir hipóteses para pesquisa. As notáveis intuições teóricas de Sigmund Freud foram, naturalmente, estimuladas por seu estudo intensivo de pacientes. Da mesma forma, profundas mudanças em nossa concepção das relações entre o homem e a sociedade foram provocadas, em grande parte, pelos estudos antropológicos de culturas primitivas.

A partir desses exemplos, deve estar claro que não estamos desprezando o que é às vezes denominado a abordagem de "estudo de caso", no sentido restrito de estudar os registros mantidos por instituições ou por psicoterapeutas, mas, ao contrário, o estudo intensivo de exemplos selecionados do fenômeno em que estamos interessados. O foco pode voltar-se para indivíduos, situações, grupos ou comunidades. O método de estudo pode ser o exame dos registros existentes; pode ser também o da entrevista não-estruturada ou da observação participante, ou alguma outra abordagem.

Quais os aspectos dessa abordagem que a tornam um processo adequado para a provocação de intuições? Um dos principais é a *atitude* do pesquisador, que é a de receptividade atenta, de busca, e não de verificação. Em vez de limitar-se à verificação das hipóteses existentes, o pesquisador é orientado pelas características do objeto que está sendo estudado. Sua busca está constantemente em processo de reformulação e nova orientação; à medida que obtém novas informações. Fazem-se freqüentes mudanças nos tipos de dados coligidos ou nos critérios para a seleção de caso, à medida que as hipóteses emergentes exigem nova informação.

Um segundo aspecto é a *intensidade* do estudo do indivíduo, do grupo, da comunidade, da cultura, da situação ou do incidente escolhidos para pesquisa. Tenta-se obter informação suficiente para caracterizar e explicar tanto os aspectos singulares do caso que está sendo estudado, quanto os que tem em comum com outros casos. No estudo do indivíduo, isso pode exigir um extenso exame de sua situação presente e de sua história de vida. No estudo de um grupo, de um incidente, etc., os indivíduos podem ser tratados como informantes a respeito do objeto, e não como objetos de análise intensiva.

Uma terceira característica desta abordagem é o fato de depender das capacidades *integradoras* do pesquisador, de sua capacidade para reunir, numa interpretação unificada, muitos e diversos aspectos de informação. Esta última característica levou muitos críticos a verem a análise de casos de provocação de intuição como uma espécie de técnica *projetiva*, na qual as conclusões refletem, fundamentalmente, a *predisposição* do pesquisador, e não o objeto de estudo. Mesmo que esta crítica seja adequada para muitos estudos de caso, a característica não é necessariamente indesejável, quando o objetivo é *provocar* e não *verificar* hipóteses. Afinal, mesmo que o material de caso seja apenas o estímulo para a apresentação explícita de uma hipótese anteriormente não-formulada, pode ter uma função valiosa.

Os cientistas sociais que trabalham com esta abordagem verificaram, freqüentemente, que o estudo de poucos casos pode provocar um grande número de novas intuições, enquanto que grande número de outros casos apresentará poucas idéias novas. Embora aqui, como em outros aspectos, não seja possível estabelecer regras simples para a seleção de casos que devem ser estudados, a experiência indica que, para problemas específicos, alguns tipos são mais adequados que outros. Abaixo enumeramos alguns desses tipos, juntamente com os objetivos que, segundo se verificou, são mais úteis. A lista não é exaustiva, nem os tipos são mutuamente exclusivos.

1. As reações de *estranhos* ou *recém-chegados* podem indicar características da comunidade que poderiam não ser percebidas por um pesquisador criado nessa cultura. Um estranho tende a ser sensível a costumes e práticas sociais mais ou menos indiscutíveis para os membros de uma comunidade. Sua curiosidade, surpresa ou perplexidade podem chamar a atenção para aspectos da vida da comunidade com os quais os membros dessa comunidade estão tão habituados que já não os observam.

2. Os *indivíduos* ou *grupos marginais*, que passam de um agrupamento cultural para outro e estão na periferia de ambos os grupos, são, sob certos aspectos, semelhantes a estrangeiros ou estranhos. Como estão "no meio", expostos a pressões conflitivas dos grupos de que estão saindo e daque-



les para os quais se dirigem, freqüentemente revelam, de maneira dramática, as principais influências que atuam em cada grupo. Por exemplo, no campo de relações intergrupais, tende a ser muito esclarecedor o estudo de imigrantes, de pessoas deslocadas, de judeus que tentam ser assimilados por grupos culturais locais, de negros que tentam "passar" por brancos, de pessoas que estão no processo de conversão para o catolicismo ou que abandonam esta religião, de pessoas em áreas de soberania nacional discutida.

3. O estudo de indivíduos ou grupos que estão em *transição* de um estágio de desenvolvimento para outro tem sido produtivo, sobretudo em pesquisas antropológicas da influência da cultura na personalidade. Na pesquisa de qualquer cultura, o antropólogo está necessariamente limitado, pelo tempo, a um estudo longitudinal, em vez de estudar os indivíduos do nascimento à morte. O estudo de indivíduos que estão num ponto de transição ajuda a superar, até certo ponto, as limitações da pesquisa longitudinal. Por exemplo, o estudo intensivo de bebês que estão sendo desmamados, de adolescentes ou de mulheres no período da menopausa tende a permitir compreensão no processo de mudança e das características sócio-psicológicas de estádios contíguos de desenvolvimento (ver Mead, 1946). De maneira semelhante, o estudo de grupos ou sociedades em transição pode ter valor para a compreensão do processo de mudança social.

4. Os *divergentes*, os *isolados* e os *casos patológicos* podem, por contraste, esclarecer alguns casos comuns. O estudo de divergentes (por exemplo, indivíduos interessados em governo mundial, embora quase todos os seus semelhantes aceitem opiniões nacionalistas e isolacionistas) pode servir para salientar as normas e práticas sociais de que divergem. Pode indicar os tipos de pressão para o conformismo e as conseqüências sócio-psicológicas do não-conformismo; pode, talvez, auxiliar a revelar os métodos pelos quais podem ser criadas as mudanças sociais. De maneira semelhante, o estudo dos indivíduos isolados pode acentuar os fatores que facilitam a coesão em determinado grupo ou comunidade. Pode também revelar muita coisa a respeito da maneira pela qual a informação e as atitudes são transmitidas num grupo (ver, por exemplo, Festinger, Schachter e Back, 1950). As contribuições da psicanálise para a compressão de perso-

nalidade constituem um notável exemplo da intuição revelada por um estudo de casos patológicos, que freqüentemente servem para sublinhar, pelo exagero, os processos básicos em casos não-patológicos. Por exemplo, Ackerman e Jahoda (1950), em um estudo baseado em descrições psicanalíticas de casos em tratamento, verificaram que os pacientes deprimidos raramente apresentam preconceito. Esse resultado — que supõe que os indivíduos que dirigiram sua agressão contra si mesmos não precisam do preconceito como um canal para agressão — apresenta uma interessante hipótese sobre a psicodinâmica do preconceito. Os casos extremos podem também ser esclarecedores quando se tem interesse pela dinâmica social. O estudo da ruptura e do restabelecimento dos controles sociais, exemplificado em catástrofes naturais ou distúrbio racial — ver, por exemplo, Lee (1943) — pode permitir intuições valiosas do processo de controle social.

5. Freqüentemente, os casos "*puros*" são produtivos. Por exemplo, Levy (1943), em seu estudo de superproteção maternal, estava interessado em três questões: o que leva a mãe a ser superprotetora, quais os efeitos da superproteção maternal na criança, como remediar ou impedir as dificuldades que podem resultar da superproteção. Supondo que pudesse encontrar as melhores indicações através do estudo de superproteção *marcante*, examinou muitos registros de casos tratados em clínica de orientação infantil. Estabeleceu dois critérios principais para a seleção de casos a serem estudados intensivamente. Primeiro, devem mostrar extrema superproteção por parte da mãe, como se verifica pela inseparabilidade de mãe e filho, o fato de a mãe tratar a criança como bebê, o fato de a mãe impedir comportamento independente da criança. Segundo, devem ser casos "*puros*", isto é, o comportamento da mãe deve ser coerentemente superprotetor e, além disso, não haver provas de rejeição da criança. (Este último critério foi estabelecido a partir da suposição de que a combinação de superproteção e rejeição é diversa da superproteção *per se*, e pode ter origens e conseqüências diferentes.) Dentre os casos que satisfaziam a esses critérios, foram mantidos apenas os que apresentavam suficiente informação a respeito da mãe, de forma a tornar possíveis algumas inferências a respeito dos fatores que provocam comportamento superprotetor; informação suficiente

sobre a criança, de forma a permitir compreensão dos tipos de problemas provocados por tal comportamento; e informação suficiente sobre o tratamento do caso, a fim de conseguir indicações sobre os efeitos da terapia. Dos mais de quinhentos casos examinados, apenas vinte satisfaziam a todos esses critérios; esses vinte constituíram a base para o estudo de Levy.

6. As características de indivíduos *bem ajustados* e dos *mal ajustados* a determinada situação apresentam indicações valiosas sobre a natureza dessa situação. O conhecimento de que as pessoas que se sentem bem em determinada comunidade e parecem mais ajustadas a esta são muito dependentes ou têm personalidade autoritária, dá certa compreensão das características da comunidade. De maneira semelhante, a descoberta de que os que se sentem prejudicados por determinada situação são os jovens e ambiciosos e os que têm muita iniciativa pessoal, daria uma indicação sobre a natureza da situação.

7. A escolha de indivíduos que representam *diferentes posições na estrutura social* auxilia a obtenção de uma opinião mais completa da situação que refletem. Em quase todos os grupos sociais encontramos variações no status social e especialização de papéis ou funções sociais. Os indivíduos que ocupam essas diferentes posições tendem a ver de diferentes perspectivas qualquer situação, e tal diversidade permite compreensão. A entrevista de porteiros num conjunto residencial pode ser tão importante, para a compreensão nas relações existentes nesse conjunto, quanto a entrevista do gerente. As discrepâncias e as semelhanças, nas percepções sociais das pessoas que têm diferentes posições ou desempenham diferentes funções, são muitas vezes reveladoras.

8. Um exame da *experiência pessoal do pesquisador* e uma análise cuidadosa de suas reações, ao tentar "projetar-se" na situação das pessoas que estuda, pode ser uma valiosa fonte de compreensão. Afinal de contas, o "caso" que o pesquisador melhor conhece é geralmente o seu (embora aí tenha também o maior viés). Como se vê na biografia de Freud escrita por Jones (1953), muitas das mais valiosas intuições de Freud decorreram de seus esforços para compreender a si mesmo. Certamente, existem poucas pessoas com as qualidades de Freud; não podemos esperar que a

análise de experiência pessoal tenha, muitas vezes, resultados tão produtivos. No entanto, apesar disso, aí está uma fonte de idéias que não deve ser desprezada. Esse aspecto só precisa ser lembrado porque, muitas vezes, os cientistas estão tão preocupados com a importância da objetividade, que tentam manter a maior distância possível entre eles e os objetos de seu estudo. Nas etapas da pesquisa em que se procuram *idéias*, e não *conclusões*, essa objetividade pode ser inadequada.

Nossa enumeração de casos que "provocam intuições" é inevitavelmente incompleta. Naturalmente, o tipo de casos que terão mais valor depende, em grande parte, do problema que se procura estudar. Apesar disso, geralmente é correto dizer que, em estudos exploratórios, os casos que apresentam nítidos contrastes ou têm aspectos salientes são mais úteis, pois num trabalho exploratório a percepção de pequenas diferenças tende a ser difícil.

É importante lembrar que os estudos exploratórios conduzem apenas a intuições ou hipóteses; não verificam, nem demonstram. Ao escolher casos com características especiais, o pesquisador, por definição, considerou casos que não são típicos. Embora os casos marginais, divergentes ou "puros" tendam a ser fontes produtivas de idéias sobre processos que podem ocorrer em casos mais típicos, não se pode supor que tais processos ocorram em outros casos, além dos estudados. As pressões sobre indivíduos marginais podem ser muito diferentes das que atuam em indivíduos bem integrados num grupo; os casos divergentes podem ser divergentes não apenas em seu comportamento, mas também nos processos psicológicos subjacentes. Um estudo exploratório deve ser sempre visto como apenas um primeiro passo; são necessários estudos mais cuidadosamente controlados, a fim de verificar se as hipóteses que surgem têm aplicabilidade geral.

### *Estudos Descritivos*

Uma grande quantidade de pesquisa social se volta para a descrição de características de comunidades. É possível estudar as pessoas de uma comunidade: sua distribuição por grupos de idade, seus antecedentes raciais ou nacionais, sua

saúde física ou mental, a quantidade de educação que receberam — a lista poderia ser ampliada indefinidamente. É possível estudar os recursos de uma comunidade e seu emprego: a condição das habitações, o uso de bibliotecas, a proporção de crimes em vários bairros — ainda aqui, a lista é interminável. É possível tentar a descrição da estrutura da organização social da comunidade, ou dos principais padrões de comportamento.

Outro grande conjunto de pesquisa se refere à estimativa da proporção de pessoas, numa população especificada, que aceitam certas opiniões ou atitudes, ou que se comportam de determinada maneira: quantas estão a favor da admissão da China Comunista nas Nações Unidas? Quantas acreditam que negros e brancos devem viver em bairros separados? Quantas pensam que a pena de morte deve ser abolida? Quantas assistiram a programas de televisão na semana passada?

Outros estudos se referem a predições específicas: quantas pessoas votarão num candidato? Quantas pessoas venderão suas apólices governamentais em determinado período? Quais os bairros em que o crescimento da população tende a ser suficientemente grande, de forma a exigir, num futuro próximo, novas escolas ou novos recursos de transporte?

Outros se referem à descoberta ou verificação da ligação entre determinadas variáveis: Será que os católicos votam mais no Partido Democrático que os protestantes? Será que as pessoas que lêem muito vão freqüentemente ao cinema? Será que as pessoas que têm preconceito contra os judeus tendem também a ter preconceito contra os negros? Será que, em conjunto, as meninas aprendem a falar antes dos meninos? Note-se que nenhuma dessas perguntas, sob a forma aqui apresentada, envolve uma hipótese de que uma das variáveis *provoque* outra ou a esta *conduza*; as questões que incluem tais hipóteses apresentam exigências diferentes para os processos de pesquisa.

Sob o título de *estudos descritivos* agrupamos um grande conjunto de interesses de pesquisa. Foram agrupados porque, do ponto de vista de processos de pesquisa, apresentam importantes características comuns. As questões de pesquisa pressupõem muitos conhecimentos anteriores do problema a ser pesquisado, ao contrário do que ocorre com as questões que

constituem o fundamento para os estudos exploratórios. O pesquisador precisa ser capaz de definir claramente o que deseja medir, e de encontrar métodos adequados para essa mensuração. Além disso, precisa ser capaz de especificar quem deve ser incluído na definição de “determinada comunidade” ou “determinada população”. Ao coligir provas para um estudo desse tipo, não há tanta necessidade de flexibilidade, mas de uma clara formulação de *que* ou *quem* deve ser medido, bem como de técnicas para medidas válidas e precisas.<sup>6</sup>

Os estudos descritivos não se limitam a apenas um método de coleta de dados. Podem empregar qualquer um, ou todos os métodos que serão apresentados nos capítulos posteriores. Lundberg, Komarovsky e McInery (1934), em seu estudo sobre o lazer, obtiveram informação através de entrevistas, questionários, observação sistemática direta, análise dos registros da comunidade e observação participante:

Mais de duzentas entrevistas formais — que duravam de uma a três horas — foram feitas com pastores protestantes, diretores de escolas e senhoras em suas residências. Houve muitas outras entrevistas incidentais, durante a entrega de fichas a serem preenchidas, e grande número através de contato casual e conhecimento, decorrentes da vida na comunidade. Além da usual análise de material secundário — tais como histórias, relatórios anuais de organizações, jornais —, estudamos a mobilidade da população através da análise de listas de telefones e outras listas de endereços de quinze vilas e cidades, o que exigiu a verificação de mais de duzentos mil nomes e endereços. Entre os projetos de observação formal direta, havia o registro de uma ficha das atividades de aproximadamente 6.800 passageiros de trens. As viagens constantes através da comarca, as visitas a outras casas, as escolas, os parques para crianças — todos os principais recursos de recreação e todos os contatos incidentais da vida diária completam a história das observações em que se baseia este estudo do lazer das pessoas.

<sup>6</sup> Para uma discussão de validade e precisão de mensuração, ver o Capítulo 5.

Embora os estudos descritivos possam empregar grande amplitude de técnicas, isso não significa que se caracterizem pela flexibilidade que distingue os estudos exploratórios. Os processos a serem usados num estudo descritivo devem ser cuidadosamente planejados. Como o objetivo é conseguir informação completa e exata, o plano de pesquisa precisa prever muito maior cuidado com o viés do que os estudos exploratórios. Dada a quantidade de trabalho frequentemente exigida nos estudos descritivos, é extraordinariamente importante o cuidado com a economia de esforço na pesquisa. Tais considerações de economia e proteção contra o viés entram em todas as etapas: na formulação dos objetivos do estudo; no planejamento dos métodos para a coleta de dados; na escolha da amostra; na coleta, no processamento e na análise dos dados; na apresentação dos resultados. Os parágrafos seguintes indicam algumas das formas pelas quais se consideram, no planejamento de um estudo descritivo, a economia e a proteção contra o viés.<sup>7</sup> Como exemplo, consideraremos um estudo do tratamento de fregueses negros em restaurantes de Nova Iorque (Sellitz, 1955).

#### FORMULAÇÃO DOS OBJETIVOS DO ESTUDO

O primeiro passo num estudo descritivo, como em qualquer outro, é definir a pergunta a ser respondida. A não ser que os objetivos sejam especificados com suficiente exatidão, de modo a assegurar que os dados coligidos sejam significativos para a questão apresentada, o estudo pode não apresentar a informação desejada.

Em nosso exemplo, a pergunta da pesquisa era a seguinte: será que os restaurantes de Nova Iorque têm discriminação contra os fregueses negros? No entanto, antes de obter dados para responder à questão, era necessário especificar o que se entendia por *discriminação*. Esta foi definida como desigualdade entre o tratamento dado a fregueses brancos e negros, a não ser que, aparentemente, houvesse razão para acreditar que a diferença no tratamento se devia

<sup>7</sup> Para uma discussão mais minuciosa de estudos descritivos, sobretudo dos que se apresentam sob a forma de levantamentos de opinião, atitudes, etc., ver Hyman (1955, Parte II), e Parten (1950).

a algum outro fator que não fosse a diferença de raça. Este conceito geral foi traduzido numa definição de trabalho através da especificação dos tipos de comportamento — dos empregados de restaurante — que poderiam ser considerados como indicadores de discriminação: recusa direta de serviço a possíveis fregueses negros; recusa indireta de serviço aos negros, fazendo-os esperarem indefinidamente, ou dizendo que há necessidade de reserva; prova de confusão diante do aparecimento de negros no restaurante — por exemplo, rápida conferência entre o “maitre” e o garçon; indicação, para os negros, de uma mesa indesejável ou que os coloque fora da vista dos outros fregueses; mau serviço; comida ruim; preço excessivamente elevado. Cada item na definição de trabalho incluía o conceito básico de desigualdade de tratamento; dessa forma, o mau serviço, em si mesmo, não devia ser considerado como prova de discriminação.

O ponto básico do estudo era a pergunta: os restaurantes de Nova Iorque fazem discriminação contra os fregueses negros? As discussões com pessoas que, segundo se poderia esperar, deviam ter uma boa base para avaliar a provável amplitude da discriminação, mostraram uma tão grande divergência de opinião que parecia haver pouca base para a apresentação de uma predição quanto à existência ou amplitude da discriminação. Foram formuladas, também, algumas perguntas secundárias: a discriminação ocorre com mais frequência em restaurantes com preços relativamente elevados? A discriminação é mais provável em restaurantes com “maitres”? Nos restaurantes “americanos” ou nos restaurantes “estrangeiros”? Essas questões subsidiárias indicaram a necessidade da coleta de certos tipos de informação a respeito dos restaurantes estudados.

As questões de economia também entraram na especificação da pergunta da pesquisa. O estudo foi realizado por um grupo voluntário, com recursos limitados. Ao considerar as etapas posteriores do estudo — escolha da amostra de restaurantes, coleta de dados, apresentação dos resultados — os planejadores procuraram saber se havia probabilidade de serem capazes de verificar uma amostra suficientemente grande de todos os tipos de restaurantes na cidade de Nova Iorque, a fim de conseguir resultados precisos. A resposta, evidentemente negativa, levou a uma restrição tanto da área

geográfica a ser abrangida (aproximadamente 150 quadras na parte central do leste de Manhattan), quanto da amplitude de preços dos restaurantes que seriam incluídos (com a eliminação dos mais caros e dos mais baratos).

#### PLANEJAMENTO DOS MÉTODOS DE COLETA DE DADOS

Depois da formulação suficientemente específica do problema, de modo a indicar os dados exigidos, é preciso selecionar os métodos para a obtenção de dados. É preciso criar as técnicas para a coleta de informação, se, como é provável, ainda não existem técnicas adequadas. Cada um dos vários métodos — observação, entrevista, questionários, técnicas projetivas, exame de registros, e assim por diante — tem suas vantagens e limitações, discutidas minuciosamente em capítulos posteriores.

No estudo aqui apresentado como exemplo, o método específico de coleta dos dados foi um pouco estranho: grupos de fregueses brancos e negros iam a restaurantes, comiam e apresentavam suas experiências. Embora o processo fosse dispendioso, foi considerado como o que apresentava mais probabilidade de dar informação segura sobre as práticas dos restaurantes. Basicamente, era uma técnica de observação; como tal, era especialmente adequada para o estudo do comportamento em sua situação natural. Se o estudo se referisse aos sentimentos dos proprietários de restaurantes quanto ao serviço para negros, ou às opiniões da população branca quanto ao fato de os negros deverem ou não ser servidos em todos os restaurantes, seriam mais adequadas outras técnicas, tais como entrevistas, questionários ou métodos projetivos. Se se interessasse por outra questão — por exemplo, o volume de negócios feito por restaurantes — teria sido possível obter a informação através do exame de registros.

A etapa de criação de processos de coleta de dados é um dos pontos principais em que se introduzem medidas para impedir o viés e a imprecisão. No estudo de discriminação de restaurantes, tais medidas se referiam a duas fontes principais de viés: diferenças, no tratamento de fregueses brancos e negros, devidas a algum outro fator, que não fosse a diferença de raça, e deformação na descrição de experiências.

Foram tomadas precauções complexas para eliminar outras razões possíveis para diferenças no tratamento — por exemplo, a possibilidade de que os primeiros a chegar recebessem a mesa mais desejável, os mais bem vestidos recebessem o melhor tratamento, os homens ou pessoas mais velhas recebessem melhor tratamento do que mulheres ou pessoas mais jovens, etc. Em primeiro lugar, os pares de fregueses que iam a determinado restaurante eram iguados quanto a sexo e idade. Se o grupo negro era composto de dois homens, o grupo branco que ia ao mesmo restaurante era composto também de dois homens; com poucas exceções, ambos os grupos eram da mesma idade. Como todo o grupo era relativamente homogêneo quanto a nível sócio-econômico, trajes e comportamento social geral, sob esses aspectos não era necessário "igualar" os grupos. A seguir, os "fregueses" recebiam instruções para assegurar que seu comportamento seria semelhante sob certos aspectos — por exemplo, número de pratos pedidos e preço aproximado da refeição. Acima de tudo, tinham instruções para aceitar, sem protesto, qualquer comportamento dos empregados do restaurante, e não dar qualquer indicação de que tivessem qualquer outro objetivo, em sua ida ao restaurante, além da refeição.

Os esforços para prevenir o viés na descrição referiam-se tanto à construção da ficha de relatório, quanto ao treinamento dos verificadores. Quase todas as perguntas da ficha de relatório pediam respostas curtas e ligadas a fatos: "Quando foi que você entrou no restaurante?" "Quando se sentou?" "Você escolheu sua mesa ou recebeu uma indicação do empregado do restaurante?" Parecia pouco provável que as respostas a tais perguntas pudessem ser muito deformadas pelos sentimentos dos verificadores. Além disso, tornavam possível a identificação de casos em que o grupo negro recebia melhor tratamento do que o branco, bem como aqueles em que ocorria o inverso. Assim, reduzia-se a possibilidade de que sentimentos gerais fossem viesados por atenção indevida a casos de tratamento discriminatório contra o grupo negro. Numa sessão de treinamento intensivo, os verificadores receberam instruções minuciosas a respeito de procedimentos e uma oportunidade para praticar em situações imaginárias.

Em todo estudo é necessário introduzir precauções semelhantes, qualquer que seja o método de coleta de dados. As perguntas precisam ser cuidadosamente examinadas quanto à possibilidade de sua apresentação sugerir mais uma resposta do que outra; os entrevistadores precisam ser instruídos para não fazerem perguntas que orientem as respostas, nem expressem sua opinião; os observadores precisam ser treinados para que todos registrem, da mesma maneira, um determinado item do comportamento.

Depois de construídos, os instrumentos de coleta de dados devem passar por um pré-teste, antes de serem usados no estudo, propriamente dito. As perguntas que, para a equipe de pesquisa, parecem claras e diretas, podem parecer, numa verificação preliminar, de difícil compreensão, ou ambíguas, ou incapazes de dar informação útil. As categorias de observação, as fórmulas estatísticas, etc., podem ser incômodas ou inadequadas para o material que está sendo estudado.

No estudo de discriminação de restaurantes, houve dois pré-testes: um, por membros da comissão que planejava o estudo, e que abrangeu apenas um pequeno número de restaurantes; o segundo, por voluntários semelhantes aos verificadores do estudo final, e que abrangeu uma amostra de *cafeterias* e casas de lanches. Neste caso, os pré-testes indicaram apenas a necessidade de revisões secundárias nas instruções de verificação e na forma de descrição, mas revelaram sérios problemas de organização e administração — a escolha de verificadores, a distribuição de tarefas, o preenchimento e a devolução de fichas de descrição, a supervisão do desenvolvimento dos trabalhos, etc., — e conduziram a um planejamento muito mais cuidadoso desses aspectos no estudo propriamente dito. Muita dificuldade pode ser evitada por um pré-teste cuidadoso das técnicas a serem empregadas, a fim de ter a certeza de que permitirão a informação necessária.

#### A ESCOLHA DA AMOSTRA

Em muitos estudos descritivos — embora, certamente, não em todos — o pesquisador deseja ser capaz de fazer afirmações a respeito de certo grupo definido de pessoas ou objetos (por exemplo, restaurantes). Raramente é necessário

estudar todas as pessoas de um grupo a fim de conseguir uma descrição exata e precisa das atitudes e do comportamento de seus membros. É mais freqüente que seja suficiente uma amostra da população a ser estudada.

Muito trabalho tem sido realizado sobre o problema de planejamento de amostras, de forma que estas permitam informação exata, com um mínimo de esforço de pesquisa. Neste ponto, talvez seja útil exemplificar como um conhecimento de considerações estatísticas pode permitir uma grande economia na pesquisa. Rowntree (1941), em seu estudo clássico sobre a pobreza em York, na Inglaterra, pesquisou todas as casas de operários. Para verificar a exatidão dos métodos de amostragem, escolheu, de acordo com um processo sistemático, cada décima ficha de entrevista, e comparou os resultados assim obtidos com os obtidos com todos os casos. Cálculos semelhantes foram baseados em amostras de 1 em 20, 1 em 30, 1 em 40 e 1 em 50. A tabela mostra seus resultados para um tipo de informação — a proporção de rendimento gasto com aluguel, por famílias em diferentes grupos de renda. Verifica-se que as várias amostras, qualquer que seja o seu tamanho, deram resultados bem próximos dos verificados para todas as casas em cada classe de renda. Assim, comparando-se a coluna da extrema direita (números baseados numa amostra de 1, em 50 famílias) com a coluna da extrema esquerda (números baseados no estudo completo), vemos que a amostra indica que as famílias na classe "A" de renda gastam 27,1 por cento de seu rendimento em aluguel, enquanto que o estudo total mostra que tais famílias gastam 26,5 por cento de seus rendimentos em aluguel; na classe "B" de renda, a amostra indica 22,6 por cento do rendimento gasto em aluguel, enquanto que o estudo total indica 22,7 por cento, e assim por diante. Em nenhum grupo de renda o número indicado pela amostra baseada em 1 família em 50 difere em mais de duas unidades de porcentagem daquele que é indicado pelo estudo completo. Em outras palavras, com uma amostra de 1 em 50, em vez de todas as casas de trabalhadores da cidade, teriam sido obtidos, fundamentalmente, os mesmos resultados. Vale dizer, teria sido possível uma considerável economia de tempo e esforço, sem qualquer prejuízo significativo para os resultados.

## PORCENTAGEM DE RENDIMENTO GASTO EM ALUGUEL

Classe de Renda	Estudo Completo	Estudos por Amostra				
		1 em 10	1 em 20	1 em 30	1 em 40	1 em 50
"A"	26,5	26,6	25,9	27,0	28,3	27,1
"B"	22,7	22,9	23,5	23,3	22,3	22,6
"C"	19,8	18,1	17,2	18,3	17,2	18,0
"D"	15,8	16,0	14,4	15,8	17,1	16,9
"E"	11,3	11,0	10,1	10,7	11,2	11,5

Mesmo diferenças muito pequenas entre números — por exemplo, a diferença entre 26,5 por cento e 27,1 por cento — podem ser estatisticamente significantes. Ao decidir se uma diferença merece atenção, é importante levar em conta dois tipos de consideração: as estatísticas e as práticas. Saber se uma diferença entre dois números é *estatisticamente* significativa envolve precisamente a questão aqui discutida — o provável desvio de números baseados em amostras, com relação à população total de que se retira a amostra.<sup>8</sup> Se determinada diferença é estatisticamente significativa, a decisão quanto à sua significação prática é, naturalmente, uma questão de julgamento, através das conseqüências dos diferentes números. Se alguma decisão fundamental — por exemplo, aumento geral de salários — for tomada a partir dos resultados, uma diferença muito pequena de uma unidade de porcentagem, entre os resultados da amostra e o estado real da população total, pode ser importante. No entanto, na maioria dos estudos parece improvável que uma diferença tão pequena quanto as indicadas na tabela acima conduzisse a qualquer mudança básica na interpretação ou nas recomendações para a ação, se tais recomendações estivessem entre os objetivos do estudo.

Naturalmente, é importante que os resultados do estudo, quando baseados numa amostra (isto é, em apenas uma parte

<sup>8</sup> O conceito de significância estatística é discutido no Capítulo 11, págs. 473-474. Para uma discussão mais minuciosa, consultar qualquer manual de estatística.

do grupo a respeito do qual se farão as afirmações), sejam uma representação razoavelmente exata da situação real no grupo total (designado, na terminologia da amostragem, por "população"). Isso significa que a amostra deve ser selecionada de forma que os resultados nela baseados tendam a corresponder estreitamente aos que seriam obtidos se a população fosse estudada. Para conseguir isso, tem-se dado muita atenção a problemas e métodos de amostragem. Estes são discutidos no Apêndice B.

No estudo sobre restaurantes, foi empregada uma amostra sistemática estratificada. (Ver o Apêndice B para uma definição de tais termos). As unidades na amostra eram, naturalmente, restaurantes. Uma lista completa de restaurantes na área tinha sido organizada por voluntários, que andaram em todos os bairros e registraram todos os locais de refeição — seu nome, endereço, amplitude de preços e outras informações importantes. Como uma das questões que seriam pesquisadas referia-se ao fato de a ocorrência de discriminação estar ou não ligada ao nível de preço dos restaurantes, a amostra foi estratificada a partir dessa base. Os cartões em que se colocavam os dados sobre cada restaurante foram organizados de acordo com o preço estimativo de uma refeição média. Não se sabia, antes, exatamente quantos verificadores estariam disponíveis e, portanto, quantos restaurantes poderiam ser incluídos na amostra. Com a decisão de concentrar o estudo em restaurantes de preço médio, o cartão médio foi selecionado como o primeiro caso da amostra; os outros casos foram escolhidos através da retirada, alternada, de cada quarto cartão acima e cada quarto cartão abaixo da média. Isso significava que, qualquer que fosse o tamanho final da amostra, constituiria 25 por cento dos restaurantes, colocados numa amplitude especificável de preço, na área geográfica escolhida. A amostra final consistia de 62 restaurantes, que constituíam 25 por cento de 248 restaurantes, com preços médios de 1,30 a 3,75 dólares.<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Como se indica no Apêndice B, os processos *sistemáticos* de amostragem, como este, têm algumas limitações que não existem quando as amostras são selecionadas *casualmente*. No entanto, dada a decisão de que a amostra deveria constituir 25 por cento dos restaurantes de determinado nível de preço abrangido pelo estudo, *mais* a incerteza a respeito do número de restaurantes que seria possível verificar, a



O objetivo da pesquisa determina a unidade adequada de amostragem. Num estudo de eleição, as unidades de amostragem seriam os eleitores qualificados; num estudo de orçamentos de família, seriam as famílias; num estudo de comportamentos de bebês, seriam períodos de tempo. Qualquer que seja a unidade de amostragem, é importante ter uma base para identificar a população de tais unidades e um método especificado para selecionar unidades dessa população (ver Apêndice B).

#### COLETA E VERIFICAÇÃO DOS DADOS

A fim de obter dados coerentes, livres de erros introduzidos por entrevistadores, observadores e outras pessoas, é necessário supervisionar, estritamente, a equipe dos que trabalham no campo, quando coligem e registram informação. É preciso estabelecer controles, por exemplo, a fim de ter a certeza de que os entrevistadores são honestos e que os dados que coligem não são viesados.<sup>10</sup> A medida que os dados são coligidos, devem ser examinados para verificar se são completos, compreensíveis, coerentes e precisos.

No estudo de restaurantes, todos os verificadores, imediatamente depois de saírem dos restaurantes, voltavam para a sede do estudo, a fim de preencher suas fichas de relatório. Os dois membros de cada grupo preenchiam a ficha em conjunto, mas sem qualquer discussão com o outro grupo que tinha ido ao mesmo restaurante. Depois de os dois relatórios para determinado restaurante terem sido preenchidos, um membro da comissão supervisora verificava os dois relatórios, a fim de ter a certeza de que estavam completos e saber se as duas equipes estavam de acordo. Se havia qualquer discrepância, esta era discutida em conjunto com as duas equipes. Na maioria dos casos, tornou-se evidente

amostragem sistemática era mais adequada, pois os limites da amplitude de preço poderiam ser aumentados, quando se tivesse possibilidade de outras verificações. De outro lado, um processo de amostragem casual exigiria uma decisão preliminar quanto à população de restaurantes de que se obteria a amostra — isto é, o nível de preço a ser abrangido.

<sup>10</sup> Para uma discussão de "falsificação" por entrevistadores e dos métodos para identificá-la, ver Blankenship *et. al.* (1947).

que a discrepância não representava desacordo autêntico, mas um lapso de uma equipe ao preencher o relatório, ou uma incapacidade física de uma equipe para observar comportamento visível para a outra. Nos dois ou três casos de autêntico desacordo, o supervisor escreveu um relatório minucioso das versões apresentadas pelas duas equipes. Esse controle, no momento em que os relatórios são apresentados, impede muitas dificuldades em etapas posteriores e garante a possibilidade de usar dados que, de outra forma, precisariam ser desprezados.

#### ANÁLISE DOS RESULTADOS

O processo de análise inclui: codificação das respostas de entrevistas, observações, etc. (colocar cada item na categoria adequada); tabulação dos dados (contagem do número de itens em cada categoria); cálculos estatísticos. Esses processos são discutidos de maneira bem minuciosa no Capítulo 11. Aqui, podemos notar apenas que as considerações de economia e a necessidade de garantias contra erro entram em todos esses passos. De modo geral, as considerações de economia exigem que a análise seja minuciosamente planejada, antes de começar o trabalho. Dessa forma, o pesquisador pode evitar trabalho desnecessário; por exemplo, fazer tabelas que depois não utilizará, ou, de outro lado, refazer algumas tabelas porque deixou de aí incluir dados importantes. Certamente, o planejamento prévio e completo da análise nem sempre é possível, ou mesmo desejável; ao pesquisador ocorrem novas idéias, à medida que examina os resultados preliminares. No entanto, com exceção de estudos exploratórios, é sempre possível e desejável estabelecer antecipadamente os esquemas básicos da análise.

As garantias contra o erro na codificação geralmente se referem à verificação da precisão dos codificadores — isto é, verificar até que ponto concordam na colocação de determinado item em determinada categoria. Se o código exige julgamentos complexos, o processo usual é fazer com que dois ou mais codificadores codifiquem, independentemente, uma amostra do material, até que — com novo treinamento ou, se necessário, com modificações no código — consigam um grau satisfatório de precisão. No caso de códigos



simples, um codificador pode processar todo o grupo de casos, sem uma determinação preliminar de precisão; depois, um segundo codificador pode codificar, por exemplo, cada vigésimo caso, a fim de conseguir um controle da exatidão.

Se o material for tabulado por máquina, deve ser colado em cartões adequados; geralmente, isso é feito através de furos correspondentes a um determinado código. É aconselhável verificar a exatidão da perfuração; também aqui, geralmente se controla apenas uma amostra de cartões.

É também possível controlar a exatidão da tabulação fazendo-se uma amostra das tabelas. No entanto, nessa etapa é possível fazer um controle grosseiro, comparando-se os números de diferentes tabelas. Por exemplo, os números em cada tabela devem dar o número total de casos, a não ser que exista razão para omitir algum caso de determinada tabela. Além disso, algumas classificações tendem a ser usadas em mais de uma tabela, e tais números permitem um controle parcial da exatidão. Por exemplo, no estudo de restaurantes, além da tabela básica — com o número de restaurantes em que se encontrou discriminação e o número daqueles em que isso não ocorria — havia tabelas com o número de restaurantes em que se encontrou determinado tipo de discriminação, a ocorrência de discriminação em restaurantes de diferentes níveis de preço, em restaurantes "americanos" e "estrangeiros", etc. Se qualquer dessas tabelas mais minuciosas tivesse mostrado um número diferente do apresentado pela tabela básica quanto a restaurantes com discriminação, isso teria sido prova de erro.

Finalmente, há necessidade de cálculos estatísticos num estudo, qualquer que seja a sua complexidade; é necessário calcular médias, porcentagens, correlações. Aqui também essas operações podem ser controladas através de uma pessoa que refaça uma amostra dos cálculos.

Existem operações estatísticas de outro tipo, com o objetivo de garantia contra conclusões não-justificadas pelos resultados. Tais operações incluem, por exemplo, a estimativa, a partir dos resultados da amostra, da ocorrência provável de certa característica na população que a amostra pretende representar; a estimativa da probabilidade de que as diferenças encontradas entre subgrupos da amostra representem diferenças entre os subgrupos correspondentes na

população, e não diferenças apenas casuais, devidas à amostragem. (A lógica subjacente a tais processos é discutida rapidamente no Capítulo 11; os processos são discutidos minuciosamente nos manuais de estatística).

O processo de análise no estudo de restaurantes foi relativamente simples. O número de casos não era grande; o único julgamento complexo de codificação exigido era decidir se determinado restaurante devia ou não ser classificado como tendo apresentado discriminação contra os fregueses negros; era pequeno o número de características de restaurantes que deviam ser examinados, com relação à ocorrência de discriminação. Diante do pequeno número de casos, da importância da decisão quanto ao fato de a discriminação ter ou não ocorrido, e da estrutura da organização que realizou o estudo, foi seguido um processo pouco econômico e pouco usual para codificar os restaurantes que tinham ou não demonstrado discriminação. Oito pessoas serviram como codificadoras. A classificação preliminar de cada restaurante, como discriminador ou não-discriminador, foi feita por um par de codificadores que trabalhavam conjuntamente. Finalmente, todo o grupo, trabalhando como comissão, reviu todas as verificações e tomou a decisão final, quanto ao fato de ter havido ou não clara desigualdade de tratamento que não poderia ser considerada, de maneira razoável, como acidental.

O pequeno número de casos e o pequeno número de variáveis, com relação à ocorrência de discriminação, fizeram com que o processo de tabulação fosse simples.

Foram realizadas operações estatísticas adequadas para garantir as conclusões. A partir do resultado de que 42 por cento dos restaurantes verificados deram aos fregueses negros um tratamento nitidamente inferior, estimou-se, através da fórmula para o erro padrão de uma porcentagem, que provavelmente entre 36 e 48 por cento de todos os restaurantes, nessa área e desse nível de preço, apresentavam discriminação contra os negros.<sup>11</sup> De forma semelhante,

11. Outro estudo da mesma área, realizado dois anos após, em 1952, depois de uma campanha para provocar a não-discriminação, observou discriminação em apenas 16 por cento dos restaurantes verificados. O cálculo de erro padrão dessa porcentagem levou à esti-

foram usados testes adequados de significância, a fim de verificar se diferenças quanto à frequência de discriminação em restaurantes de diferentes níveis de preços, diferente nacionalidade, com ou sem "maîtres", etc., representavam, provavelmente, diferenças reais ou apenas variações casuais. Das variáveis examinadas, verificou-se que apenas o preço estava significativamente relacionado com discriminação. Verificou-se que, quando os restaurantes foram divididos em três níveis de preços, apenas uma proporção muito menor dos restaurantes de nível inferior apresentava discriminação em seu tratamento para com negros.

### *Resumo*

Neste capítulo, mostramos que a função do planejamento de pesquisa é permitir a coleta de provas significativas, com mínimo de esforço, tempo e dinheiro. Tais considerações são importantes em qualquer estudo, qualquer que seja o seu objetivo. Mas a *maneira* de atingi-las depende, em grande parte, do objetivo da pesquisa. Quando o objetivo é a exploração, é adequado um planejamento flexível de pesquisa, que dá oportunidade para considerar muitos aspectos diferentes de um problema. Quando o objetivo de um estudo é descrição precisa de uma situação ou de uma ligação entre variáveis, a exatidão se torna uma consideração básica; há necessidade de um planejamento que reduza o viés e aumente a precisão das provas coligidas. Os planejamentos adequados para estudos exploratórios e descritivos foram discutidos neste capítulo.

Quando o objetivo de um estudo é verificar uma hipótese de uma relação de causa e efeito entre variáveis, apresentam-se outras exigências. No capítulo seguinte são discutidos planejamentos de pesquisa adequados para tais estudos.

mativa de que, nessa época, provavelmente entre 12 e 20 por cento de todos os restaurantes, nessa área e nesse nível de preço, apresentavam discriminação contra os negros.

## 4

## PLANEJAMENTO DE PESQUISA

### II. Estudos que Verificam Hipóteses Causais

---

#### *A Lógica da Verificação de Hipóteses sobre Relações Causais*

#### *Inferência Causal a Partir de Experimentos*

#### *Inferência Causal a Partir de Outros Planejamentos de Estudo*

#### *Resumo*